

# Propriedades tipológicas de Alçamento de SN argumental e suas implicações para o reconhecimento do fenômeno no Português Brasileiro

(Typological properties of argumental NP raising and its implications for the recognition of the phenomenon in Brazilian Portuguese)

Gustavo da Silva Andrade<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Instituto de Biociências, Letras e Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista (Unesp)

gustavo@ibilce.unesp.br

**Abstract:** We work, in this paper, on the occurrence of the argumental constituent of the embedded clause in the matrix clause boundaries, a phenomenon identified in the literature as **raising**. Our objective is to verify to what extent typologically-based properties apply to both types of raising identified in a variety of contemporary Brazilian Portuguese: subject-to-subject raising; object-to-subject raising. Based on empirical research on a corpus of spoken language and assuming a functionalist orientation, our analyses indicate that: (i) the subject-to-subject raising is the most productive type; and (ii) the morphosyntactic and semantic-pragmatic properties analyzed are sufficient to identify the two types of raising, but they are not included in the definitions of the typological base of the phenomenon found in the literature.

**Keywords:** subordination; raising; subject.

**Resumo:** Tratamos, neste trabalho, da ocorrência de constituinte argumental da oração encaixada nos limites da oração matriz, fenômeno identificado na literatura como **Alçamento**. Nosso objetivo é verificar em que medida propriedades de base tipológica aplicam-se a dois tipos de Alçamento identificados em uma variedade do português brasileiro contemporâneo: Alçamento de sujeito a sujeito e Alçamento de objeto a sujeito. Com base em investigação empírica em corpus de língua falada e assumindo uma orientação funcionalista, nossas análises indicam que: (i) o Alçamento de sujeito a sujeito é o tipo mais produtivo; e (ii) as propriedades morfossintáticas e semântico-pragmáticas analisadas são suficientes para a identificação dos dois tipos de Alçamento, mas não são contempladas nas definições de base tipológica do fenômeno encontradas na literatura.

**Palavras-chave:** subordinação; Alçamento; sujeito.

## Considerações iniciais<sup>1</sup>

A complementação oracional tem sido objeto de estudo em vários trabalhos, dentre os quais destacamos, neste artigo, o de Noonan (2007 [1985]), por versar, especificadamente, sobre os predicados que tomam orações por complemento (PTC), apresentando, para tanto, um quadro tipológico da Subordinação oracional, a partir do qual descreve dois fenômenos que tomam lugar junto às orações encaixadas em posição argumental de sujeito: *equi-deletion*<sup>2</sup> e Alçamento, do inglês *raising*; esse último, foco do presente trabalho.

<sup>1</sup> Este trabalho não está vinculado a uma única teoria funcionalista, mas, sim, aos princípios gerais do funcionalismo.

<sup>2</sup> Optamos por manter, neste trabalho, o termo em inglês para referenciar o fenômeno de apagamento (*deletion*) de sujeito da subordinada idêntico (*equi*) ao da matriz, em decorrência da inexistência de uma tradução recorrente e aceita pela literatura brasileira.

O Alçamento de constituintes, nas línguas naturais, tem sido identificado pela codificação de um dos argumentos do predicado da oração encaixada, seu sujeito ou seu objeto direto, nos limites do predicado da oração matriz em posição típica de sujeito, podendo, contudo, ser codificado em posição de objeto, caracterizando, assim, diferentes tipos de Alçamento: de sujeito a sujeito (ASS), de sujeito a objeto (ASO), de objeto a sujeito (AOS) e de objeto a objeto (AOO). É importante assinalar que nem todas as construções com Alçamento são identificadas intralinguisticamente, como é o caso do Português Brasileiro (PB), no qual apenas construções de ASS, de ASO e de AOS são identificadas em dados empíricos (cf. ANDRADE, 2013; GONÇALVES; ANDRADE, 2013). Assim, objetivamos, com este artigo, verificar e comprovar se os critérios apresentados por Noonan são necessários e suficientes para a identificação e para a descrição do Alçamento a sujeito no PB contemporâneo, exemplificado pelas construções em (1) e (2).<sup>3</sup>

(1) **ASS**

a. **o cara** num parece [tê(r) setenta anos de idade] (AI-005)

(= o cara ter setenta anos)

b. **o namoro** é difícil [pra andá(r) pra frente né?] (AC-046)

(= o namoro andar pra frente)

(2) **AOS**

a. eu dobro toalha tam(b)ém ... **toalha** é complicAdo pa caramba pa dobrá(r) (AC-016)

(= dobrar toalha)

b. ele saiu [da prisão] ele:: graças a Deus ... **o serviço** é difícil [arranjá(r)] mas conseguiu um servi-  
cinho lá (AC-071)

(= arranjar o serviço)

Em (1), os sintagmas nominais (SN) **o cara** e **o namoro** são constituintes argumentais do predicado encaixado, porém estão codificados em posição de sujeito dos predicados de suas respectivas orações matrizes, **num parece** e **é difícil**; enquanto em (2), os SNs **toalha** e **o serviço**, respectivamente, objetos diretos dos predicados encaixados **dobrar** e **arranjar**, são codificados em posição de sujeito dos predicados matrizes **complicado** e **difícil**.

Como se observa, em PB, o ambiente propício para ocorrência de Alçamento são as chamadas **orações subjetivas**, por se tratar de construções impessoais. Por essa razão, a descrição do fenômeno do Alçamento representa importante contribuição para a descrição da subordinação oracional no PB, especialmente para os casos de orações encaixadas em posição argumental de sujeito (cf. GONÇALVES, 2011, 2012; GONÇALVES; SOUSA, 2013; FORTILLI; GONÇALVES, 2013; GONÇALVES; ANDRADE, 2013). Outra motivação do presente estudo deve-se ao fato de, no âmbito da linguística brasileira, construções de Alçamento sempre terem constituído tema de investigação privilegiado mais de formalistas (cf. KATO; MIOTO, 2000; MARTINS; NUNES, 2005; HENRIQUES, 2008; dentre outros) do que de funcionalistas (cf. MITTMANN, 2006; GÖRSKI, 2008). Diante disso, um de nossos objetivos é oferecer, sob perspectiva funcionalista, uma reflexão

<sup>3</sup> Ao final de cada ocorrência extraída do corpus de análise, identificamos, respectivamente: o tipo de amostra (AC, amostra censo, ou AI, amostra de interação) e o número do inquérito.

acerca de construções de Alçamento do PB. Para tanto, partimos de dois importantes trabalhos de natureza tipológica, identificados com uma orientação funcionalista: o primeiro é o trabalho de Noonan (2007 [1985]), sobre a complementação oracional, e o segundo é o trabalho de Serdol'boskaya (2008), específico sobre Alçamento em um conjunto de 26 línguas. Ao tomarmos como ponto de partida esses trabalhos, pretendemos discutir em que medida propriedades definidoras de base tipológica se aplicam aos casos de ASS e AOS no PB, considerando também outros parâmetros de natureza morfossintática, semântica e pragmática, como os expostos no Quadro 1 a seguir.

**Quadro 1.** Parâmetros de análise de construções de Alçamento

Nível de análise	Parâmetro de análise
Morfossintático	(a) [+/- concordância] do SN alçado com o predicado matriz (b) [+/- concordância] do SN alçado com predicado encaixado (c) presença de pronome cópia na oração encaixada (d) tipo de conector entre matriz e encaixada ( <i>que, de, para</i> ou <i>zero</i> ) (e) formato da oração encaixada (finita ou não finita)
Semântico	(a) tipo semântico do predicado matriz (epistêmico ou avaliativo) (b) referencialidade do SN alçado [+/- definido; +/- genérico] (c) animacidade do SN alçado [+/- animado; +/- humano]
Pragmático	(a) topicalidade (tópico discursivo) (b) status informacional do SN alçado (novo, dado, inferível)

Em decorrência de nossa opção teórica, empreendemos a investigação do Alçamento no PB em corpus empírico formado de amostras de língua falada do banco de dados Iboruna, um banco de dados de médio porte, com pouco mais de um milhão de palavras e que registra a variedade do português falado no interior paulista (GONÇALVES, 2007).<sup>4</sup>

Explicitados, nesta parte introdutória, os objetivos do trabalho e seu aparato metodológico, este artigo compõe-se de três outras seções: na seção 1., detalhamos resultados da revisão de literatura sobre Alçamento, baseada em pesquisas tipológicas e/ou de orientação funcionalista, para, na seção 2., levantarmos uma problematização acerca de dois tipos de Alçamento a sujeito em PB, envolvendo apenas orações subjetivas, ASS e AOS, com incursões por critérios de base tipológica que podem se aplicar (ou não) a tais tipos; à guisa de conclusão, tecemos, na última seção, nossas considerações finais.

## Caracterização geral do fenômeno

Na literatura, a caracterização de Alçamento parte sempre da diferenciação entre os chamados **predicados de controle** e os **predicados de Alçamento**. Esses dois tipos de predicados podem instanciar estruturas superficiais idênticas, como mostram (3) e (4),

<sup>4</sup> Reunidas no banco de dados Iboruna e disponível em <http://www.unesp.iboruna.ibilce.unesp.br>, essas amostras de fala são resultantes de censo linguístico realizado na região de São José do Rio Preto (SP), entre 2004 e 2006, e foram coletadas para a obtenção de diferentes tipos de textos: narrativa de experiência pessoal (NE), narrativa recontada (NR), relato de opinião (RO), relato de procedimento (RP) e descrição (DE), totalizando 151 entrevistas. Além dessa amostra censo (AC), o banco de dados comporta também 11 amostras de interação dialógica, gravadas secretamente em contextos de interação livres (GONÇALVES, 2007).

no Quadro 2, a seguir, mas motivadas por fenômenos diferentes. Enquanto predicados de controle instanciam o fenômeno chamado de *Equi-deletion*, predicados de Alçamento propiciam o fenômeno identificado também como **Alçamento**.

**Quadro 2.** Distinção entre predicado de controle e de Alçamento

(3) Predicado de controle	(4) Predicado de Alçamento
<i>Equi-deletion</i> : apagamento de sujeito da subordinada idêntico ao da matriz. O predicado matriz seleciona oração infinitiva e argumento externo.	<i>Alçamento</i> : elevação do sujeito da subordinada para o domínio da oração matriz. O predicado matriz seleciona oração infinitiva, mas não argumento externo.
Restrições semânticas sobre o sujeito	
→ imposta pelo predicado matriz	→ imposta pelo predicado encaixado
(3a) João <b>quer</b> [morar na Bahia] (3b) *O livro <b>quer</b> [morar na Bahia] (3c) *O livro <b>quer</b> [ter sido <b>escrito</b> na Bahia]	(4a) João parece [ <b>morar</b> na Bahia] (4b) *O livro parece [ <b>morar</b> na Bahia] (4c) O livro <b>parece</b> [ter escrito lido Bahia]
Ajustes morfossintáticos	
→ sujeitos correferentes: oração infinitiva	→ sujeitos correferentes: oração infinitiva/ finita (PB?)
(3d) João quer [ $\emptyset_i$ <b>morar</b> na Bahia] (3e) *João <sub>i</sub> quer [ $\emptyset_i$ <b>more</b> na Bahia] (3f) João quer [que Maria <b>more</b> na Bahia] (3g) * <b>João</b> quer [ <b>Maria</b> <b>morar</b> na Bahia]	(4d) João parece [ $\emptyset_i$ <b>morar</b> na Bahia] (4e) João <sub>i</sub> parece [que $\emptyset_i$ <b>mora</b> na Bahia] (4f) *João <sub>i</sub> parece [que Maria <b>mora</b> na Bahia]  (4g) * <b>João</b> parece [ <b>Maria</b> <b>morar</b> na Bahia]
	→ Relação de caso e concordância
	(4h) <b>Os alunos parecem</b> [estudar muito]

Os **predicados de controle** caracterizam-se por selecionarem complemento oracional infinitivo e argumento externo, que ocorre na posição de sujeito superficial da oração matriz. Esse controla o da subordinada, i.e., é correferente, e, por isso, é apagado. **Predicados de Alçamento**, por sua vez, selecionam complemento infinitivo, mas, não, selecionam argumento externo, permanecendo livre a posição de sujeito, para a qual é movido um constituinte argumental, que não pode receber caso nominativo do verbo infinitivo encaixado nem caso acusativo do verbo matriz, já que se trata de um verbo inacusativo.

Do contraste entre o conjunto de sentenças em (3) e (4), observa-se que, apesar de se tratar de orações complexas estruturalmente semelhantes, as motivações para o reconhecimento de cada uma das partes de fenômenos, em princípio, diferenciados. Enquanto predicados de controle levam ao **fenômeno de Equi-deletion**, predicados de Alçamento levam ao **fenômeno de Alçamento**. A **restrição de seleção** sobre o sujeito da oração matriz é imposta pelo predicado de controle, como mostram (3a,b,c); com predicados de Alçamento, a restrição é imposta pelo predicado da oração encaixada, como mostram (4a,b,c). A **identidade de referência** entre o sujeito da oração matriz e o da oração encaixada leva necessariamente predicados de controle a assumirem a oração encaixada na forma infinitiva; enquanto, para predicados de Alçamento, a expressão da oração encaixada na forma não finita não parece, ao menos no PB, ser uma decorrência necessária (sobre essa restrição voltaremos mais adiante). Por fim, a exemplo de predicados de controle, predicados de Alçamento desencadeiam na oração matriz **relação de caso e de concordância com o constituinte alçado**. A seguir trataremos a definição e apresentaremos os tipos de Alçamento identificados translinguisticamente.

Tratando estritamente de Alçamento, Noonan (2007 [1985]) define o Alçamento como base apenas em propriedades morfossintáticas. Segundo o autor,

[...] o Alçamento é um processo por meio do qual argumentos podem ser removidos de suas predicções, resultando em estrutura de complementação de tipo não sentencial [non-s-like]. Esse processo envolve a colocação de um argumento, que é nocionalmente parte da proposição complemento (tipicamente o sujeito), em uma posição na qual passa a ter relação gramatical (por exemplo, de sujeito ou de objeto direto) com o PTC [predicado que toma complemento]. Esse movimento de argumento de uma sentença de nível mais baixo para uma de nível mais alto é chamado Alçamento. (NOONAN, 2007 [1985], p. 79)<sup>5</sup>

Dessa definição de Noonan (2007 [1985]), não menos importante para uma caracterização funcionalista do Alçamento é o emprego de termos como **colocação** [*placement*], **movimento** [*movement*] e, na identificação do próprio fenômeno, o termo **Alçamento** [*raising*], em torno dos quais cabe uma discussão sobre o aproveitamento teórico desses termos para referir ao SN alçado. Resumidamente, **colocação** e **movimento** parecem termos teoricamente incompatíveis como propriedades definitórias do fenômeno, porque **colocação** refere-se à posição que o constituinte assume no interior da oração, por razões sintáticas, semânticas e pragmáticas, como defendem funcionalistas (cf. DIK, 1979, 1981), enquanto **movimento** refere-se à operação de transformação sobre estrutura subjacente da oração, contraparte sem Alçamento, nos termos como inicialmente o fenômeno foi descrito pelo aparato teórico da gramática gerativa (cf. POSTAL, 1974). Assim, a diferença entre essas duas abordagens teóricas diz respeito, inicialmente, ao modo como cada uma concebe a origem do constituinte alçado, i.e., como resultante de movimentos do constituinte de uma posição hierarquicamente mais baixa para uma mais alta na sentença, como postulam os gerativistas, ou como resultado de motivações pragmáticas, semânticas ou morfossintáticas que levam os constituintes a assumirem a posição que ocupam na estrutura da oração, como postulam os funcionalistas, posição que assumimos neste trabalho. Também devemos considerar o fato de que, nos estudos gerativistas, aspectos semântico-cognitivos e discursivos-pragmáticos não são considerados na análise do fenômeno, como fazemos neste trabalho. Por fim, cabe ressaltar que, apesar dessas diferenças, ambas as correntes empregam o mesmo termo **Alçamento** [*raising*] para a identificação do fenômeno, entretanto não se deve entender, por isso, que a perspectiva funcionalista assume a existência de regras de transformação de uma configuração básica em outra derivada, como mostram os esclarecimentos de funcionalistas, como, por exemplo, Hengeveld e Mackenzie (2008).

Observe que, embora usemos o termo tradicional “raising” [Alçamento] aqui, não queremos sugerir que o fenômeno envolve a transformação de uma configuração básica em outra derivada. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 368)<sup>6</sup>

<sup>5</sup> No original: “The raising is a method whereby arguments may be removed from their predications resulting in a non-s-like complement type. This method involves the placement of an argument notionally part of the complement proposition (typically the subject) in a slot having a grammatical relation (eg subject or direct object) to the CTP [complement taking predicates]. This movement of an argument from a lower to a higher sentence is called raising.”

<sup>6</sup> No original: “Note that, though we use the traditional terms ‘raising’ here, we do not want to suggest that the phenomenon involves the transformation of one basic configuration into another derived one.”

Como já mostrou Langacker (1995), em termos funcionais, é a saliência cognitiva de uma cena ou de um de seus participantes que explica construções com e sem Alçamento, e não a simples natureza “gramatical lógica” entre um predicado e seus argumentos, como parece estar pressuposto na definição de Noonan (2007 [1985]) e nas explicações de cunho formalista. Sobre a importância da saliência cognitiva na estruturação de uma oração, transcrevemos, abaixo, palavras do próprio Langacker:

A gramática Cognitiva assume que é errônea a noção de estrutura subjacente no sentido gerativo, e que as relações de sujeito e de objeto são primeiramente uma questão de proeminência, não de qualquer conteúdo conceptual específico (lógico ou não). Um sujeito é caracterizado como um trajector [*trajector*] de nível oracional, i.e., a figura principal na relação emoldurada, e um objeto, como um ponto de referência [*landmark*] de nível oracional (figura secundária). Prototipicamente, o sujeito é um agente e o objeto, um paciente, mas não há nenhum papel semântico específico ou conteúdo conceptual que um sujeito ou um objeto tenha de assumir. O estatuto de trajector e de ponto de referência é mais bem considerado como a proeminência focal que pode ser direcionada para qualquer entidade dentro de uma cena. Certos elementos exercem uma atração natural deste status de destaque; notadamente, um agente – ser animado e fonte inicial de energia – tem saliência cognitiva e tende a atrair mais fortemente para si esse status. Essa tendência, entretanto, pode ser anulada, particularmente por razões discursivas. [No caso alçamento de sujeito a sujeito, como em *Don is likely to leave*] De fato, esse participante se assemelhará a um sujeito prototípico mais do que um processo ou uma proposição. (1995, p. 24)<sup>7</sup>

De acordo com Langacker (1995), a construção de uma sentença com ou sem Alçamento depende do modo específico como o falante escolhe estruturar sua conceptualização de uma cena para fins expressivos. Se nenhum participante é particularmente saliente, a localização abstrata da cena é a escolhida, e essa configuração corresponde à construção sem Alçamento. Se qualquer participante da cena descrita na oração completiva ocorre como sujeito da oração principal é por causa de sua saliência, e a essa escolha corresponde a variante com Alçamento.

Voltando à definição de Noonan (2007 [1985]), supracitada, é possível extrair dela alguns aspectos relevantes para a caracterização do Alçamento. Primeiramente, o constituinte alçado é semanticamente parte de uma oração completiva, i.e., é um constituinte argumental do predicado encaixado, e não do predicado matriz. Segundo, trata-se de fenômeno que afeta, tipicamente (mas, não somente), o sujeito da oração encaixada, que, ao ser alçado, desenvolverá relações gramaticais com o predicado matriz, i.e., será seu

---

<sup>7</sup> No original:: “Cognitive grammar claims that the notion of underlying structure in the generative sense is erroneous, and that the subject and object relations are first and foremost matters of prominence, not of any specific conceptual content (logical or otherwise). A subject is characterized as a clause-level trajector, i.e., the primary figure within the profiled relationship, and an object as a clause-level landmark (secondary figure). Prototypically the subject is an agent and the object a patient, but there is no specific semantic role or conceptual content that a subject or object has to instantiate. Trajector and landmark status are better thought of as spotlights of focal prominence that can be directed at various entities within a scene. Certain elements exert a natural attraction for this highlighted status; notably, an agent – being animate and a initial energy source – has intrinsic cognitive salience and tends to attract the stronger spotlight. These tendencies can, however, be overridden, particularly by discourse considerations. [In case of subject to subject raising, such as in *Don is likely to leave*] Indeed, that participant will usually resemble a prototypical subject more closely than does a process or a proposition.”

sujeito ou seu objeto. Em terceiro lugar, em construções de Alçamento a oração encaixada assume a forma de infinitivo, dessentencializando-se.

Observe-se, por último, que, apesar de o trabalho tipológico de Noonan (2007 [1985]) ter um forte apelo funcionalista na descrição geral da subordinação, no tocante ao Alçamento, ele não destaca propriedades de ordem semântica e pragmática intervenientes no fenômeno. Não diferentemente do princípio de saliência cognitiva de Langacker (1995), Givón (2001, p. 13) aponta que a **topicalidade**, um dos subsistemas gramaticais orientados para o discurso, explica a codificação de SN como sujeito (tópico primário) ou como objeto (tópico secundário) e está relacionada com dois aspectos da coerência referencial: **a acessibilidade do referente e sua importância temática**. São esses dois mecanismos que restringem as escolhas gramaticais usadas na codificação da estrutura morfossintática, o que reflete o caráter pragmático e discursivo tanto de simples casos de topicalização como também de Alçamento.

Cabe, por fim, destacar que algumas implicações decorrentes desses aspectos relevantes da definição de Alçamento podem ser identificadas. Segundo García Velasco (2013), o Alçamento seria um fenômeno que marcaria a discrepância entre Sintaxe e Semântica: as relações semânticas mantêm-se, porém suas relações morfossintáticas são alteradas, o que levaria a um desalinhamento entre funções representacionais (i.e., semânticas) e funções morfossintáticas. Uma segunda implicação refere-se aos ajustes morfosintáticos decorrentes do Alçamento, quais sejam: relação de concordância e atribuição de caso morfológico (nas línguas que o requerem), envolvendo o constituinte alçado e o predicado matriz, e a expressão infinitiva da oração encaixada. Por fim, uma terceira implicação envolve o reconhecimento de construções variantes com e sem Alçamento, o que levaria à exclusão de casos em que não haja a contraparte não alçada do par, como ocorre, em PB, em construções com o verbo *acreditar*, *João acredita que Maria está grávida* como contraparte alçada de *\*João acredita Maria estar grávida* ou *\*João a acredita estar grávida*, relativo a uma possível interpretação de caso de ASO.

### Tipos de Alçamento no PB e o Alçamento a sujeito

Dessas três implicações apontadas por García Velasco (2013), a partir de uma definição mais estrita de Alçamento, por considerar apenas dados do espanhol falado, a redução da oração encaixada a forma infinitiva é de interesse particular para a caracterização do fenômeno no PB. Se, de fato, esse ajuste é postulado como necessário, três situações se configurariam para o PB. Primeiramente, a redução da oração encaixada à forma infinitiva é opcional e, portanto, o fenômeno é compatível também com oração encaixada na forma finita, como mostram as ocorrências em (5).

- (5) a. as crianças parecem [**estar** cansadas] / as crianças parecem cansadas  
b. as crianças parecem [**que estão** cansadas]

Se a oração encaixada permanece na forma finita, como em (5b), não estamos diante de um caso propriamente de Alçamento, mas de simples topicalização. Ou ainda: se (5b) é de fato um caso de Alçamento, a dessentencialização da oração encaixada não pode ser uma propriedade definitória do fenômeno. Tornaremos a essa questão mais adiante.

Colocada essa questão à parte, ocorrem no *cópus* investigado apenas dois dos tipos de Alçamento: ASS, mostrado em (6a), e AOS, mostrado em (7a), com a explicitação, em cada caso, do que constitui a contraparte sem Alçamento ((6b) e (7b)) e a possibilidade de expressão finita da oração encaixada ((6c) e (7c)).

(6) ASS

- a. **o cara** num parece [tê(r) setenta anos de idade] (AI-005)
- b. Não parece [que **o cara** tem setenta anos de idade]
- c. **O cara** não parece [que não tem setenta anos de idade]

(7) AOS

- a. **O serviço** é difícil [arrajá(r)] (AC-071)
- b. É difícil [arranjar **o serviço**]
- c. ?? **O serviço** é difícil [que se arranje].

Em (6a), no contraste com (6b), variante sem Alçamento, observamos uma construção prototípica de ASS instanciada por um predicado matriz de modalidade epistêmica, o verbo *parecer*. Trata-se de estrutura prototípica em decorrência da manutenção de todos os critérios de Alçamento oferecidos por Noonan (2007 [1985]), inclusive a redução da oração encaixada à forma infinitiva. A reconstrução em (6c) mostra que a redução da oração encaixada, mesmo em estrutura semelhante à de Alçamento, não é uma propriedade necessária, ao menos para esse tipo semântico de predicado matriz. Em (7a) e no seu correspondente não alçado em (7b), segue um caso de AOS, tipo favorecido por predicados avaliativos do tipo (*é fácil/difícil*). Ocorre, categoricamente, para esse tipo de Alçamento, a redução da oração encaixada, com a diferença de que é raro (se não estranho) que a contraparte sem Alçamento ocorra na forma finita, como mostra (8c).

Até onde pudemos constatar (ANDRADE, 2013), casos de ASO e de AOO, em PB, não são atestados. Pelas análises acima oferecidas, nem todos os critérios oferecidos por Noonan (2007 [1985]) para identificar o fenômeno de Alçamento se aplicam consistentemente ao PB, senão vejamos.

**Quadro 3.** Critérios de Alçamento (NOONAN (2007 [1985])) e tipos reconhecíveis no PB

Critério	ASS	AOS
(i) relações argumentais (semânticas) entre o SN alçado e o predicado encaixado	+	+
(ii) dessentencialização da oração encaixada	+/-	+
(iii) ajuste morfossintático de concordância entre SN alçado e o predicado matriz	+	+
(iv) ajuste morfossintático de caso do SN alçado no domínio da oração matriz	-	-

Sobre o quadro apresentado acima, cabem os seguintes esclarecimentos. O critério (ii) relaciona-se fortemente com o tipo semântico de predicado matriz: predicados de modalidade epistêmica favorecem o ASS, e a redução da encaixada é facultativa ou se trata de um tipo apenas aproximado de Alçamento (o que nos leva a ficar com a primeira

alternativa); predicados avaliativos são fortemente correlacionados a AOS, e a dessentencialização parece constituir propriedade obrigatória. O critério (iii) deve ser relativizado porque a concordância entre Sujeito e o Verbo constitui regra variável no PB. Além disso, em todas as ocorrências do *cópus*, o argumento alçado é um SN de 3ª pessoa singular, o que restringe a verificação inequívoca da obrigatoriedade de aplicação desse critério. Por fim, o critério (iv) não se aplica a nenhum dos tipos porque o PB não manifesta marcação morfológica de casos; apenas mantém alguns resquícios casuais em formas pronominais, que, por vezes, perdem mesmo essa distinção, em favor de formas de nominativo.

Na sequência, são apresentadas outras ocorrências ilustrativas dos dois tipos de Alçamento atestados no PB. Com predicado de modalidade *parecer*, ASS é o tipo mais produtivo, e com predicado avaliativo do tipo *fácil/difícil*, menos produtivo, porque se distribui entre ASS (8f) e AOS (9a) (ANDRADE, 2013; GONÇALVES; ANDRADE, 2013).

(8) **ASS (mais produtivo no PB)**

- a. *essa* pelo menos parece que **é artista** (AC-147)
- b. ele conta que **a escritu::ra** parece que **tinha ficado** em mãos de terce(i)ros... (AC-146)
- c. a gente que percebe porque **o pai** parece que **num tem noção** de percebê(r) que a criança num tá bem... (AC-086)
- d. os pais:: **eles** parece que **têm**... uma barre(i)ra com a gente que é incrível... sabe?... (AC-086)
- e. a gente percebe que **as histórias dele** realmente aconteceu [Doc.: uhum ((concordando))] mas tem uma.... que/ eu num tava perto não... ele ele que conta ele e minha mãe eles conta... pa/ parecem sê(r) verdade também... (AC-086)
- f. atrapalha muito... **o namoro** é difícil pra **andá(r)** pra frente né? eu a/ eu penso assim (AC-046)

(9) **OS (pouco produtivo)**

- a. e eu dobro toalha tam(b)ém (inint.) toalha é compliCAdo pa caramba pa dobrá(r)... mui/ tem muito detalhe... tem que dobrá(r) ela no me::io depois no meio de no::vo... (AC-016)

Com base na literatura, especulamos ainda outras propriedades possíveis que podem interferir no Alçamento a sujeito em dados do PB, sem, no entanto, proceder, importante que se diga, a um levantamento quantitativo acerca de cada uma delas, a saber: *presença pronomine cópia na oração encaixada*, *tipo semântico de predicado matriz*, *animacidade* e *topicalidade do SN alçado*; esta última verificada em termos de seu *status informacional*<sup>8</sup> e de sua referencialidade.

Encontramos no *cópus* pronomine cópia na oração encaixada para casos de ASS, como mostra (10), mas não para casos de AOS, o que não significa impossibilidade de ele também ocorrer nesse último caso, como se pode verificar na paráfrase de (9a) acima, dada em (9a'), abaixo. Ocorrências como essas, tratadas na literatura como *copy-raising*

<sup>8</sup> *Status informacional* aqui segue a proposta de Prince (1981), de caráter mais textual do que cognitivo, como é a proposta de Chafe (1984). A taxonomia básica de Prince (1981) permite classificar os referentes de discurso como entidades *novas* (totalmente novas, ancoradas ou não textualmente e novas não disponíveis textualmente), *evocadas* (textualmente ou situacionalmente) e *inferíveis* (incluidoras ou não em outras entidades textualmente mencionadas).

(DÉPREZ, 1992), parecem não se tratar de casos prototípicos de Alçamento, podendo ser um subtipo deste, ou ainda interpretadas como de topicalização.

(10) onde é esse condomínio é ...**o morro** que parece que **ele** foi cortado (AC-115)

(9) a'. **toalha** é complicado pa caramba [pa dobrá-la] (AC-106)

No tocante ao tipo semântico do predicado matriz, com predicados de modalidade epistêmica, aqueles que indicam uma opinião do falante ou que demonstram seu grau de certeza e/ou de comprometimento com o conteúdo expresso na *proposição* encaixada, são abundantes ocorrências com o predicado *parecer* (9a-e), restrito a caso de ASS. Com predicados avaliativos, aqueles que expressam uma avaliação subjetiva do falante em relação ao *estado-de-coisas* codificado pela oração encaixada, encontramos ocorrências com predicados avaliativos, do tipo *fácil/difícil*, tanto com construções de ASS (9f), como com construções de AOS (10).<sup>9</sup>

Quanto ao *status* informacional do constituinte alçado, o que temos verificado é que construções de Alçamento parecem mais prováveis de ocorrer, se o referente do SN alçado constitui informação dada/evocada, como é o caso do anafórico *ele* e do SN *o milho* destacados em (11a), ou informação inferível, como no caso do SN *o namoro*, em (11b), associado aos referentes discursivos *namorado namorada*, mencionados anteriormente. No entanto, é possível que, mesmo o SN constituindo informação nova, ocorra a variante sem Alçamento, como mostra (11c). No corpus, não encontramos casos de AOS cujo referente do SN não constituísse informação dada ou inferível.

(11) a. Doc.: tem algum prato assim que você poderia me ensiná(r) como faz:?:

Inf.: é o creme de **milho** tá? só que o éh: normalmente as pessoas quando a gente fala assim creme de **milho** normalmente a pessoa pensa o seguinte que é o lei::te... **o mi::lho** bati::do aí:: ah va/ num engrossô(u) então vô(u) pô(r) Maise::na va/ o meu não leva nada é **milho PURO**

Doc.: hum:: <sup>5</sup>[que legal]

Inf.: <sup>5</sup>[**milho** puro] tá entã/ então vamo(s) lá ... então normalmente num precisa/ até domingo passado... domingo agora... eu:: até::... fiz como normalmente quando eu costume fazê(r) -- eu sô(u) um po(u)co exagerado né? <sup>6</sup>[eu fiz] <sup>6</sup>[Doc.: hum] com quarenta espigas [Doc.: nossa] [Doc. e Inf.: ((risos))] quarenta espigas de **milho** -- então num é éh ele nu/ ele:: é trabalhoso num é que é difícil **ele** é **trabalhoso** de fazer porque são várias etapas <sup>7</sup>[Doc.: uhum ((concordando))] <sup>7</sup>[então nor]malmente o **milho** é **melhor** assim a gente comprá(r) no dia

(AC-115)

→ Oração destacada: **o milho** é **melhor** assim a gente comprá(r) no dia (informação dada; variante com Alçamento: AOS)

b. tem muito **namorado namorada** que não aceita isso que tem um ciúme doentio que... só aceita que qué(r) sê(r) só ELE... que qué(r) ficá(r) vinte e quatro horas por dia que tudo que faz tem que sê(r) pra ele tem muitos que tem ciúmes da família... muitos dos amigos e num é certo isso não é legal... atrapalha muito ... **o namoro** é **difícil** pra andá(r) pra frente né? eu a/ eu penso assim

(AC-046)

<sup>9</sup> Sobre a distinção semântica acerca de entidades possíveis de serem codificadas por oração encaixada, no caso em análise uma oração subjetiva, Lyons (1977a; 1977b) diferencia *proposições* de *estado-de-coisas*. Enquanto *proposição* é um construto mental do usuário da língua, e, portanto, só pode ser avaliado em termos de sua verdade, porque não ocupam lugar nem no tempo no espaço, estado-de-coisa é uma entidade que só pode ser avaliada em termos de sua realização e, como tal, toma lugar no tempo e no espaço, porque acerca dela pode-se dizer se ocorrem ou não e, em ocorrendo, se tem certa duração.

→ Oração destacada: **o namoro é difícil** pra andá(r) pra frente (informação inferível; variante com Alçamento: AOS)

- c. Inf.: num sei da onde que foi esse modelo mas muito éh éh um ele né?... a piscina é formato de um “éle”... e ela:... ela tem um azul escuro e o azul claro pa dá um contraste... na na água da piscina assim assim assim interessante... [Doc.: uhum ((concordando))] e:: in/ engraçado que éh onde é esse condomínio é ... **o morro** que parece que ele foi cortado... **esse morro** então... ao lado tem condomínio do::... inclusive até o prefeito:: lá de:: de Campinas... que foi assassinado morava do lado num edifício acho que tem uns quinze andares mais ou menos <sup>7</sup>[Doc.: hum] <sup>7</sup>[e o] dele é ao lado então tanto é que... parece que começa **o morro** no fundo da casa

(AC-115)

→ Oração destacada: parece que começa **o morro** no fundo da casa (informação nova; variante sem Alçamento)

As ocorrências em (11) sugerem, em princípio, que o Alçamento é indiferente ao fluxo de informação, como parece também indiferente à referencialidade e à animacidade do SN alçado, propriedades mostradas, respectivamente, em (12) e (13).

(12) **Referencialidade do SN alçado**

a. [+ definido, + genérico]

tem muitos [namorados] que tem ciúmes da família... muitos dos amigos e num é certo isso não é legal... atrapalha muito... **o namoro é difícil** pra andá(r) pra frente né? eu a/ eu penso assim **o namoro** é difícil pra andá(r) pra frente né? eu a/ eu penso assim

(AC-046)

b. [+ definido, - genérico]

**o morro** que parece que ele foi cortado... **esse morro** então... ao lado tem condomínio

(AC-115)

c. [- definido, + genérico]

**toalha** é compliCAdo pa caramba pa dobrá(r)

(AC-016)

d. [- definido, - genérico]

eu tenho só vinte e sete anos mas tem hora que:: **eu** pareço que tenho cinquenta

(AC-026)

(13) **Animacidade do SN alçado**

a. [+ humano]

**o professor** num é fácil (a)güentá(r) os alunos né?

(AC-067)

b. [- humano, + animado]

**urutago** é difícil do cê vê ele... lá no meio da seringal

(AC-063)

c. [- humano, - animado]

**politicagem** parece que virô::(u)... sinônimo de corrupção

(AC-093)

A constatação das propriedades acima apresentadas frente aos dados do *cópus* é resumida no Quadro 4. A definição de padrões de Alçamento correlacionados a essas propriedades, no entanto, ficaria mesmo na dependência da apuração da frequência de uso de variantes com e sem Alçamento.

**Quadro 4.** Outros critérios de Alçamento e o ASS e AOS no PB

Propriedades	ASS	AOS
(i) Pronome cópia na oração encaixada	+	-
(ii) Tipo semântico de predicado matriz		
Predicado de modalidade epistêmica	+	-
Predicado avaliativo	+	+
(iii) Topicalidade		
Status informacional: informação dada ou inferível	-	-
Referencialidade definida e específica	-	-
(v) Animacidade do constituinte alçado	-	-

### À guisa de conclusão

A descrição dos expedientes morfossintáticos, semânticos e pragmáticos das construções com Alçamento de constituintes argumentais contribui para um entendimento mais completo da relação de subordinação no PB. Com base em pesquisa de *cópus*, ocorrem na variedade do PB investigada dois tipos de Alçamento a sujeito: ASS e AOS. Para esses casos reconhecíveis nas línguas em geral, os seguintes parâmetros parecem suficientes para a identificação do fenômeno, mas não necessários na mesma medida: (i) presença de duas orações; (ii) ajuste morfossintático no novo domínio do constituinte alçado; (iii) perda de propriedades oracionais da oração encaixada (explicitude de sujeito, força ilocucionária, finitude, concordância etc.).

No PB, o Alçamento a sujeito é favorecido por predicados matrizes epistêmicos e avaliativos, tipos semânticos que permitem atestar os seguintes critérios: (i) redução da encaixada, exclusiva com predicados matrizes avaliativos, mas não com predicados epistêmicos; (ii) concordância do constituinte alçado com o predicado matriz (igualmente com os dois tipos). Quanto às propriedades semântico-discursivas, o Alçamento a sujeito está mais correlacionado a SN com *status* informacional dado e inferível, o que revela que a topicalidade dos constituintes é fator relevante para o Alçamento, uma vez que constituintes tópicos tendem a ocorrer à esquerda. Ainda relacionado ao *status* informacional, o Alçamento incide mais frequentemente sobre SN definidos de referência genérica ou específica, mas rejeita SN de referência indefinida. Animacidade não parece ser fator decisivo para o Alçamento, possibilitando a ocorrência do fenômeno com SN de referentes tanto inanimados quanto humanos.

Diante desses resultados preliminares, atestamos, então, que, para o PB, dos tipos de Alçamento verificados nas línguas naturais, o ASS é o mais produtivo, embora com poucas ocorrências na modalidade falada (apenas 30), razão que nos leva a ter de expandir o *cópus* da investigação, incluindo a modalidade escrita e outras sincronias. Atestamos, também, a suficiência dos parâmetros morfossintáticos e semântico-pragmáticos para a identificação do fenômeno, mas não para a definição corrente, tal como a apresentada na literatura sobre o assunto, a qual, na grande maioria, privilegia mais critérios morfossin-

táticos (e.g., redução da oração encaixada como critério necessário para a identificação do fenômeno) do que os de natureza semântico-pragmática (e.g., topicalidade, *status* informacional e relevância para a construção do tópico), fato que nos instiga a prosseguir com a investigação em busca de uma definição mais precisa.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, G. S. *Orações completivas em posição argumental de sujeito: Alçamento de constituintes*. Relatório Final de Projeto de pesquisa do Pibic/Unesp. 2013.
- CHAFE, W. How people use adverbial clauses. *Berkeley Linguistics Society*, n. 10, p. 437-449, 1984.
- DÉPREZ, V. Raising constructions in Haitian Creole. *Natural Language and Linguistic Theory*, n. 10, p. 191-231, 1992.
- DIK, S. C. Raising in functional grammar. *Lingua*, n. 47, p.119-140, 1979.
- \_\_\_\_\_. The interaction of subject and topic in Portuguese. In: BOLKSTEIN, A. M. et al. *Predication and expression in functional grammar*. London: Academic Press, 1981.
- FORTILLI, S.; GONÇALVES, S. C. L. Gramaticalização da construção ‘é claro que’: padrões na fala e na escrita. *Revista do GEL*, v. 10, p. 80-106, 2013.
- GARCÍA VELASCO, D. Raising in functional discourse grammar. In: MACKENZIE, J. L.; OLBERTZ, H. G. (Ed.) *Casebook in Functional Discourse Grammar*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 2013. p. 249–276.
- GIVÓN, T. *Syntax: an introduction*. Philadelphia: John Benjamins, 2001. V. 1.
- GONÇALVES, S. C. L. *Banco de dados Iboruna: amostras de fala do interior paulista*. 2007. Disponível em: <<http://www.iboruna.ibilce.unesp.br>>. Acesso em: 30 out. 2014.
- \_\_\_\_\_. Orações subjetivas e mudança de padrões na história do português. In: SOUZA, E. R. (Org.). *Funcionalismo linguístico: análise e descrição*. São Paulo: Contexto, 2012. V. 2, p. 93-118.
- \_\_\_\_\_. Orações subjetivas: variância e invariância de padrões na fala e na escrita. *Revista da ABRALIN*, v. 10, p. 87-111, 2011.
- GONÇALVES, S. C. L.; ANDRADE, G. S. Alçamento de SN argumental no PB sob perspectiva funcional. In: LEITE, C. T.; SILVA, J. B. (Org.). *Línguas no Brasil: coleta, análise e descrições de dados*. Maceió: Edufal, 2013. p. 196-221.
- GONÇALVES, S. C. L.; SOUSA, G. C. Orações substantivas em função de sujeito e de objeto nas fases arcaica e moderna do português. *Linguística*, v. 9, p. 46-61, 2013.
- GÖRSKI, E. Reflexos da topicalização sobre o estatuto gramatical da oração. In: VOTRE, S., RONCARATI, C. (Org.) *Anthony Julius Naro e a linguística no Brasil*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008. p. 169-184.
- HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. *Functional discourse grammar: a typologically-based theory of language structure*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- HENRIQUES, F. P. *Construções com verbos de Alçamento: um estudo diacrônico*. 112f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- KATO, M. A.; MIOTO, C. A inexistência de sujeitos oracionais. *Laços*, Rio de Janeiro, p. 61-90, 2000.

- LANGACKER, R. Raising and transparency. *Language*, v. 71, n. 1, p. 1-62, 1995.
- LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977a. v. 1.
- \_\_\_\_\_. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977b. v. 2.
- MARTINS, A. M.; NUNES, J. Raising Issues in Brazilian and European Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 4.2, p. 53-77, 2005.
- MITTMANN, M. M. *Construções de Alçamento a sujeito: variação e gramaticalização*. 2006. 108f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.
- NOONAN, M. Complementation. In: SHOOPEN, T. (Ed.) *Language typology and syntactic description: complex constructions*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007 [1985]. p. 52-150.
- POSTAL, P. M. *On Raising*. One rule of English grammar and its theoretical implications. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1974.
- PRINCE, E. F. Toward a Taxonomy of Given-New Information. In: COLE, P. (Ed.). *Radical Pragmatics*. New York: Academic Press, 1981. p. 233-255.
- SERDOBOL'SKAYA, N. Towards the typology of raising: a functional approach. In: ARKHIPOV, A.; EPPS, P. (Ed.). *New challenges in typology*. sl: Mouton de Gruyter, 2008. vol. 2.